



## **Sai o pasto degradado, entra lavoura**

**Extensas áreas que comportavam no máximo uma cabeça de gado por hectare dão lugar a atividades mais rentáveis**

TÂNIA RABELLO - O Estado de S.Paulo

Este ano a área de soja em Mato Grosso, principal produtor da leguminosa, deve crescer 200 mil hectares em relação à safra passada. Tudo em cima de pastagens degradadas. No noroeste de São Paulo, em Araçatuba, os canaviais avançaram, de cinco anos para cá, exclusivamente em áreas de pasto - a região, conhecida como Terra do Boi, vai deixando para trás o epíteto, dada a quantidade de usinas de açúcar e álcool que por ali se instalaram - pelo menos 15.

Em Uberaba, no Triângulo Mineiro, as pastagens que têm resistido ao avanço da cana e, mais recentemente, do eucalipto, são as ocupadas por criações de bovinos de alta genética. O restante do pasto, boa parte degradada, está sendo rapidamente "convertido", jargão que no campo quer dizer "ocupado por lavoura".

Restrições. O pasto tem se firmado como "a nova fronteira" agrícola num cenário em que se acentuam as restrições ao desmatamento e também em lugares nos quais, na verdade, já quase não há mata nativa a ser derrubada. Além disso, dependendo da região e da distância em relação aos polos produtores, desmatar já não é economicamente viável. Área aberta para a expansão é o que não falta, aliás. Segundo estudo do professor da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq/USP), Gerd Sparovek, o País dispõe de 60 milhões de hectares de pastagens com elevada ou média aptidão agrícola, dos quais boa parte cedo ou tarde será convertida em lavoura para atender à crescente demanda mundial por alimentos.

Cana-de-açúcar. A conversão ocorre de maneira acentuada em algumas regiões, apontam estudos do Instituto de Estudos do Comércio e Negociações Internacionais (Icône), baseados em levantamentos do IBGE, Inpe, SOS Mata Atlântica, Probio e Lapiq. No Sudeste, por exemplo, entre 2005 e 2008, o pasto foi o grande doador de terras para a expansão da cana-de-açúcar. De 1,7 milhão de hectares sobre os quais a cana avançou - a área total plantada saltou de 3,6 milhões de hectares para 5,3 milhões de hectares no período, segundo o IBGE -, nada menos que 900 mil hectares foram cedidos pelas pastagens - ante cerca de 600 mil hectares pelas lavouras anuais e apenas 5 mil hectares pelas áreas de mata nativa.

O município de Andradina, na região de Araçatuba (SP), com cinco usinas de açúcar e álcool e 140 mil hectares de cana - "Sendo 98% dos canaviais instalados em pastagens degradadas", afirma o diretor da Associação de Fornecedores de Cana da Alta Noroeste (Afocan), Nilson de Souza Ochiuto -, deve expandir suas lavouras de cana em 15 mil hectares em 2012. "Tudo sobre pastos", afirma. "A pecuária está se intensificando, indo para confinamentos", explica Ochiuto, que arrenda 1.400 hectares no município para plantar cana. "Os pastos por aqui comportam em média apenas 1 animal por hectare, quando o ideal seria 4 ou 5 animais/hectare. A cana dá mais lucro", diz Ochiuto.

Em Araçatuba, na mesma região, o presidente da Associação de Plantadores de Cana e produtor rural Fernando Girardi concorda com Ochiuto. "Na última safra plantei 500 hectares e na próxima aumentarei a área de cana em mais 150 hectares", diz Girardi. "Obrigatoriamente em área de pasto."

Melhorias. Junto com a cana, defende Girardi, vêm melhorias do solo, sociais e ambientais. "A cana exige mais adubação e calagem, além de plantio em curvas de nível", diz o produtor. "Além disso, o setor

canavieiro segue uma rígida legislação ambiental e nenhum projeto é aprovado se a lei não for seguida." Assim, na opinião de Girardi, a região de Araçatuba só ganhou com a cana. "Onde só existia pasto degradado passou a existir uma terra rica, rentável e bem cuidada."

Nos cerrados do Centro-Oeste, embora a compilação de dados do Icone compreenda o período de 2005 a 2008 - "Quando a expansão da soja ainda não tinha sido tão acentuada", explica o diretor geral do instituto, André Meloni Nassar, as pastagens já podem ser consideradas as grandes doadoras de terras para a expansão das lavouras de grãos.

Segundo o presidente da Associação dos Produtores de Soja de Mato Grosso (Aprosoja-MT), Glauber Silveira, "nosso Estado dispõe de 5 milhões a 6 milhões de hectares de terras aptas à agricultura ocupadas com pasto". Na safra passada, Silveira diz que 100 mil hectares de pasto já foram convertidos, sobretudo no oeste. "Nesta safra devemos incorporar 200 mil hectares de pasto só para a soja", calcula Silveira, acrescentando que este número poderia ser maior, pois "há muitos pecuaristas que resistem em arrendar área e não dispõem de capital necessário para investir em lavouras de grãos". Para Silveira, se o mercado continuar bom para os grãos, "a incorporação de pastagens continuará a ser a grande tendência".

Integração. Em Canarana, nordeste de Mato Grosso, região tradicional na pecuária, o vice-presidente do Sindicato Rural, Arlindo Cancian, cultivou, na última safra, 450 hectares de soja. Na próxima, serão 600 hectares, cuja diferença avançará em pastos degradados.

Além de agricultor, Cancian é pecuarista e aproveita para recuperar pastos com lavoura, no sistema de integração lavoura-pecuária. "Produzo soja, milho, sorgo e milheto e tenho 700 cabeças de gado de corte", explica. "Quando sai a lavoura, entra o gado nos restos de cultura. Assim vou recuperando a pastagem", explica.

Do total de 1,87 milhão de hectares do município, 450 mil hectares são de pasto, a maior parte precisando de reforma, diz o produtor. "E é nessas áreas que o plantio de grãos, sobretudo o de soja, crescerá por aqui, de 128 mil hectares na safra passada para 150 mil hectares na próxima safra", continua Cancian, acrescentando que a recuperação de pastagens tem ocorrido desta forma, com lavoura em cima. "Acho importante recuperar pastos", diz. "Assim, é possível colocar mais animais por hectare e ter renda maior também na pecuária."